

ARTIGO

CONVERGÊNCIA E NARRATIVA TRANSMÍDIA NO JORNALISMO:

transformações nas práticas e no perfil dos profissionais

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

ELAIDE MARTINS
Universidade Federal do Pará, Brasil

RESUMO - Foco das pesquisas desenvolvidas por Jenkins (2009), a cultura da convergência traz mudanças ao campo jornalístico, afetando as práticas, rotinas e perfil de seus profissionais e as relações destes com o público. No Brasil, um exemplo é a TV Folha, um programa feito por profissionais de várias áreas, com equipamentos e pautas do impresso. Sua natureza convergente afeta os processos produtivos e favorece a hibridização de linguagens e a produção multiplataforma, acentuando a presença da narrativa transmídia (*transmedia storytelling*), termo adotado por Jenkins para referir-se a um modelo surgido em resposta à convergência de mídias. Neste trabalho, adotouse metodologia qualitativa, com entrevistas e análise observacional, para buscar compreender como a cultura da convergência afeta os modos do fazer jornalístico e o perfil dos profissionais deste campo. Uma discussão que leva a crer que o grande desafio vai além da produção de conteúdo multiplataforma: está nas relações desenvolvidas a partir da convergência.

Palavras-chave: Convergência. Narrativa Transmídia. Práticas jornalísticas. TV Folha.

CONVERGENCIA Y NARRATIVA TRANSMEDIA EN EL PERIODISMO: transformaciones en las prácticas y en el perfil de los profesionales

RESUMEN - Foco de las investigaciones desarrolladas por Jenkins (2009), la cultura de la convergencia trae cambios al campo periodista, afectando las prácticas, rutinas y perfil de sus profesionales y las relaciones de estos con el público. En Brasil, un ejemplo es la TV FOLHA, un programa hecho por profesionales de varias áreas, con equipamientos y pautas del impresso. Su naturaleza convergente afecta los procesos productivos y favorece la hibridación de lenguajes y la producción multiplataforma, acentuando la presencia de la narrativa transmedia (*transmedia storytelling*), termo adoptado por Jenkins para referirse a un modelo surgido en respuesta a la convergencia de medios de comunicación. En este trabajo, se adoptó metodología cualitativa, con entrevistas y análisis observacional, para buscar comprender como la cultura de la convergencia afecta los modos del hacer periodismo y el perfil de los profesionales de este campo. Una discusión

que lleva a creer que el grande desafío va más allá de la producción de contenido multi-plataforma: está en las relaciones desarrolladas a partir de la convergencia.

Palabras-claves: Convergencia. Narrativa Transmedia. Prácticas periodistas. TV Folha.

CONVERGENCE AND TRANSMEDIA STORYTELLING IN JOURNALISM: transformations in professional practices and profiles

ABSTRACT - As the focus of research developed by Jenkins (2009), convergence culture brings changes to journalism; it affects the practices, routines and profiles of its professionals and their relations with the public. One example is TV Folha from Brazil, a program made by professionals in different areas using press equipment and objectives. Their convergent nature affects production processes and favours hybridization of languages and multiplatform production, accentuating the presence of transmedia storytelling; a term adopted by Jenkins to refer to a model which emerged out of media convergence. This study adopted a qualitative methodology using interviews and observational analysis in order to understand the effects convergence culture has on the way journalism is done and the profile of its professionals. This discussion leads us to believe that the challenge is more than just multiplatform production; it is in the relationships developed out of convergence.

Keywords: Convergence. Transmedia Storytelling. Journalism. TV Folha.

INTRODUÇÃO

Embalados pela cultura da convergência (JENKINS, 2009), os processos produtivos jornalísticos vêm se metamorfoseando na chamada era digital, alterando as rotinas e o perfil de seus profissionais – hoje, cada vez mais multifacetado. Nesse contexto, as relações com o usuário tornam-se ainda mais interativas e midiaticizadas a partir da participação ativa do público nos processos de produção, impondo ao jornalista, dentre outros desafios, a tarefa de selecionar e formatar também o material produzido pelo usuário, redimensionando o papel do *Gatekeeper*, termo usado por David White, em 1950, para referir-se a quem seleciona as notícias que serão publicadas ou não. Percebe-se, ainda, um redimensionamento da abordagem do *Newsmaking*, cuja principal pesquisadora é a socióloga Gay Tuchman.

Essa abordagem procura entender integralmente o processo de seleção e produção da notícia e não somente os critérios de seleção, articulando-se entre dois limites: o da cultura profissional

e o da organização do trabalho e dos processos produtivos (WOLF, 1999), descrevendo como a organização do trabalho e de seus processos produtivos influenciam na construção social da notícia (PEREIRA JR., 2005), compreendida como uma construção da cultura profissional dos jornalistas (TRAQUINA, 2001) que, por sua vez, é vista como um conjunto de regras, hábitos e convenções compartilhadas entre os mesmos.

Assim, ao ser incorporada pela práxis jornalística, a cultura da convergência pode ampliar aqueles dois limites e, ao mesmo tempo, descortinar novos desafios aos seus profissionais e possibilitar a construção de novas narrativas nesse campo. Um desses desafios é a necessidade de desenvolver novas habilidades e ampliar o domínio técnico em vistas da produção multiplataforma, impondo-se ao jornalista como um dos desafios mais inquietantes nesses tempos de convergência. Se antes esse sujeito costumava atuar em um determinado veículo conforme as suas afinidades, agora tende a produzir para diferentes meios simultaneamente, o que lhe exige o domínio das técnicas de cada meio.

Assim, o perfil do jornalista contemporâneo compreende a habilidade de conhecer os modos de produção de diferentes mídias e ser capaz de formatar uma mesma notícia para cada uma delas, concomitantemente. Isso nos remete ao conceito de polivalência profissional apresentado por Salaverría (2010), que propõe três dimensões dessa polivalência na área jornalística: funcional, temática e midiática. A primeira refere-se ao sentido de multitarefa, ou seja, ao acúmulo de funções; a segunda a um jornalismo não especializado, feito por um profissional que domina os temas de várias editorias; e a terceira à habilidade para trabalhar para várias mídias simultaneamente dentro de uma mesma empresa, como é o caso de profissionais da marca Folha.

A tendência da produção multiplataforma em torno dos veículos de uma mesma marca leva as empresas a darem preferência ao profissional polivalente. No Brasil, a TV Folha é fruto do cenário convergente. Trata-se de um programa feito para a internet, com pautas, editorias, equipamentos e profissionais do impresso e que, durante dois anos, também foi transmitido pela televisão. Lançado na internet em 2011, o programa passou a ser exibido também na televisão aberta, em cadeia nacional, nas noites de domingo pela TV Cultura a partir de 11 de março de 2012, sendo transmitido simultaneamente e em tempo real pelo site Folha.com e portal

CMais (TV Cultura) - nos quais foi disponibilizado em blocos com acesso sob demanda.

Em 13 de abril de 2014, a TV Folha voltou a ser produzido exclusivamente para a internet, no site da Folha de São Paulo (FSP) e no portal UOL (como também no seu canal no *YouTube* e em seu perfil no Facebook), a fim de tornar-se “o maior canal de vídeos na internet entre os jornais brasileiros”, segundo o último programa que foi ao ar. Essa nova fase nos provoca algumas inquietações, especialmente porque a TV Folha volta a ser um produto exclusivo da internet depois de ter conquistado três prêmios¹ pela sua trajetória televisiva.

Ao sair da grade da TV Cultura, o TV Folha reformulou o seu formato (deixou de ser um programa propriamente dito, com apresentador e blocos e passou a ser exibido por matérias, a exemplo de muitas TVs online) e mudou a sua periodicidade, que passou de semanal à diária. Segundo a FSP, a TV Folha cumpriu o seu objetivo na televisão, criando uma “cultura de videojornalismo na redação, inventando um formato inovador em relação ao telejornalismo tradicional e ampliando em 65% a audiência do horário” (FSP, 2014). A saída da televisão seria uma estratégia de dupla vertente:

A decisão de migrar essa experiência e o conteúdo dos vídeos exclusivamente para a internet procura atender ao desejo crescente dos internautas por esse tipo de conteúdo nos sites de jornalismo. Visa também suprir uma demanda cada vez maior do mercado publicitário de vincular anúncios a vídeos na web (FSP, caderno Poder, p.14, 13/04/2014).

Sejam quais forem os reais motivos dessa mudança e as alterações que tal estratégia tenha trazido aos atuais processos produtivos e às rotinas dos profissionais da TV Folha, os mesmos estão sendo pesquisados para um futuro trabalho. Neste presente artigo, nos detemos a analisar e sistematizar dados que já haviam sido levantados antes dessa mudança, quando o programa era feito para a internet e a televisão. A partir da análise de dezenas de reportagens produzidas nos anos de 2013-2014, procuramos identificar as possíveis mudanças provocadas pela cultura da convergência nos modos do fazer jornalístico, como também as manifestações da polivalência profissional.

Portanto, este artigo é o resultado de um estudo de caso, construído através da análise observacional do produto em foco e de entrevistas com integrantes de sua equipe. Um trabalho que provoca uma discussão que nos leva a crer que o grande desafio no jornalismo

contemporâneo vai além da produção de conteúdo multiplataforma: está nas relações desenvolvidas a partir da convergência.

PRODUÇÃO MULTIPLATAFORMA: ALGO NOVO NO AR?

A TV Folha é um dos poucos produtos audiovisuais criados para a internet que migrou para uma emissora de televisão aberta e, até então, o único no Brasil que migrou para uma TV aberta e pública. Mesmo após ter voltado a ser transmitido exclusivamente pela internet, as suas pautas também costumam ser compartilhadas pelo impresso, construindo-se uma narrativa que pode ser considerada transmídia.

A narrativa transmídia é um termo adotado por Jenkins (2009) em sua teoria da cultura da convergência e refere-se a histórias desenvolvidas em múltiplas plataformas de mídia, sendo que cada uma delas contribui “de forma distinta para a nossa compreensão do universo” (JENKINS, 2009, p. 384). Trata-se, portanto, de histórias que se desenrolam em mídias distintas, mas interligadas por uma “abordagem que se mostra muito “mais integrada ao desenvolvimento de uma franquia do que os modelos baseados em textos originais e produtos acessórios” (JENKINS, 2009, p. 384).

Em suas pesquisas sobre a teoria da cultura da convergência, Jenkins procura analisar os efeitos da convergência na cultura popular a fim de ajudar a compreender como a convergência vem impactando as mídias que as pessoas consomem. Seu objetivo é verificar “algumas das formas pelas quais o pensamento convergente está remodelando a cultura popular americana e, em particular, como está impactando a relação entre públicos, produtores e conteúdos de mídia” (JENKINS, 2009, p. 39). Portanto, para ele, a convergência deve ser assimilada a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias, sendo compreendida como um processo cultural. Ao falar de convergência, o autor refere-se “ao fluxo de conteúdos de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 29).

Para esse autor, no universo da convergência midiática, todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia, uma vez que a circulação de conteúdo por meio de diferentes sistemas de mídias depende da participação ativa dos consumidores. Assim, acrescenta ele, à medida que o consumidor é incentivado a procurar novas informações

e a fazer conexões em meio a conteúdos de mídia aparentemente dispersos, a convergência representa uma transformação cultural – cuja essência está na interação social, que marca as novas relações com o público. Ressalte-se que essas relações estabelecem as condições para a transmidialidade, a qual ocorre, segundo Jenkins (2009), quando uma narrativa passa de uma mídia para outra, sendo construída de forma autônoma e permitindo que o público compreenda-a, independentemente da mídia escolhida por ele para ter acesso ao conteúdo.

A transmidialidade estaria na relação entre as histórias, ligadas pelo mesmo enredo e narradas por meios diferentes – caso da TV Folha em relação ao jornal FSP. Pode-se dizer que as condições para a transmidialidade são favorecidas pelo avanço tecnológico dos meios de produção, a exemplo da TV Folha que usa os mesmos equipamentos para o impresso e para o audiovisual, fotografando e filmando com câmeras DSLR (Digital Single-lens Reflex)². Compactos e leves, esses equipamentos possibilitam mais liberdade, mobilidade e uma nova concepção estética, sobretudo pela hibridização de linguagens observada pelo diretor do programa, João Wainer (2012):

Quando vieram as câmeras 5D [Canon-Mark], senti que as duas linguagens que vinham paralelas se cruzaram e a partir dali tive certeza de que estava nascendo uma linguagem nova e aí sugeri para a Folha montar um projeto que seria como montar uma produtora de documentários dentro da redação da Folha, usando as pautas, os fotógrafos como cinegrafistas para tentar criar uma linguagem diferente da convencional que a gente está acostumado a ver quando os veículos de mídia impressa ou de internet tentam fazer vídeo. Queria trazer outro formato, o de documentário, um troço menos didático do que a reportagem do telejornalismo e com mais liberdade para usar uma trilha mais elaborada, uma fotografia um pouco mais bem feita (WAINER, 2012, vídeo³).

Essa construção de uma nova linguagem é favorecida pelos acessórios que se pode acoplar à câmera 5D, como as suas lentes intercambiáveis e outros que permitem melhorar a iluminação, plasticidade e textura da imagem. Versátil e menos oneroso, esse modelo, lançado no final de 2008, logo foi adotado por produtoras de vídeo no Brasil e provocou acúmulo de função aos profissionais. No geral, fotógrafos também passaram a filmar e, cinegrafistas passaram a fotografar. “É um material que o jornal usa na fotografia. Então, para a tal da transmídia, está ótimo. Você consegue fazer tudo ao mesmo tempo», explica Douglas Lambert (2013, *skype*⁴), editor e finalizador do TV Folha, graduado em Midialogia. No programa, também assina roteiro, arte, produção, fotografia, reportagem e direção.

A versatilidade desse equipamento passou a alterar os processos produtivos nas empresas de jornalismo. O Grupo Folha, por exemplo, ao criar uma produtora de vídeo dentro da redação de um impresso, levou repórteres do jornal a fazer audiovisual, transformando rotinas e modos de produção, linguagens, narrativas e relações – sejam do jornalista com o usuário, com os colegas, com a empresa ou consigo próprio.

E como lidar com um colega quando se está assumindo a sua tarefa? O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, por exemplo, só admite acúmulo de função por razões justificadas e desde que haja remuneração extra (cap. IV, art. 14). No entanto, não é a situação encontrada na grande maioria das redações que aderiram às vertentes da polivalência e/ou de convergência. Além disso, devemos nos questionar sobre os métodos usados pelos jornalistas na produção de notícias e as transformações a que eles têm sido objetos a partir de tais mudanças nos processos produtivos. É preciso compreender que os procedimentos no fazer jornalístico, hoje, estão reconfigurando-se e modificando o organograma das empresas. A antiga segmentação de funções e de tarefas cede espaço à integração de habilidades e ao profissional multitarefa, cujo perfil, como já se disse, contempla o conceito de polivalência profissional de Salaverría (2010). Ao ressaltar aspectos positivos e negativos desse modo de produção convergente, o editor Douglas Lambert (2013) aponta a autonomia na montagem como uma de suas vantagens:

O editor consegue dar a cara para o material na montagem - em que o resultado final é muito diferente da montagem de um repórter. A pessoa que edita ou ela vem de artes visuais, cinema, artes gráficas, alguma coisa a ver com ilustração. A cara do material vai ser muito o reflexo de quem está montando, que não é mais a do repórter. Você não segue mais um roteiro onde o importante é a narração e a imagem ilustra a narração. Então, o resultado do que a gente faz vem muito disso, vem do fato da montagem do material não ser dada, necessariamente, pelo conteúdo da matéria. Isso pode ser ruim ou pode ser bom, mas você não é obrigado a seguir um roteiro de texto ou um roteiro de narração pra cobrir uma matéria. Você tem liberdade para contar uma história... (LAMBERT, 2013, *skype*)

Com isso, inova-se na concepção estética e nos formatos das matérias, cujos elementos incluem narrativa sem off, feita com trechos das entrevistas, videografismo, iluminação acurada, trilhas, efeitos sonoros e visuais, recursos gráficos, como títulos, 'olhos' (para acrescentar e não apenas destacar informações), fontes e cores-padrão do jornal, reforçando a identidade da FSP. Valoriza-

se, ainda, o som ambiente e a fotografia, com seus desfocados e experimentações que se aproximam da linguagem cine-documental – constituindo-se, mais especificamente, o que Lambert (2013) define como “web-documentário pós-5D”, cuja marca seria a significação e os sentidos da imagem:

Acho que é a utilização da imagem não apenas de forma ilustrativa. Com isso, você tem toda uma carga que vem atrás, que é pensar a fotografia como é pensada no cinema, porque você não está usando a imagem só de maneira ilustrativa e a câmera que você está usando tem outras características de captação de luz [...] permite sair... porque as câmeras de TV são horrorosas, têm uma limitação [...] Então, acho que a diferença do que a gente faz para o resto é que a imagem [...] constrói o que você quiser. Isso se dá porque a prioridade e o modo como a gente trabalha vêm do montador e não do repórter. O montador acaba assumindo papel de roteirista, montador e diretor. E há uma liberdade criativa para se aproximar do cinema, que acabou criando uma linguagem própria, que era o que a gente estava seguindo (LAMBERT, 2013, *skype*)

Por outro lado, as desvantagens da polivalência profissional também são apontadas: “você tem uma carga de trabalho muito pesada e uma responsabilidade muito grande nas tuas costas e você não, necessariamente, vai ganhar mais por isso” (LAMBERT, 2013, *skype*). Por mais que esse perfil multifacetado configure-se uma tendência e leve o profissional a buscar novas qualificações, não se pode perder de vista as suas implicações. No contexto de uma sociedade capitalista, cujos efeitos da convergência tecnológica no campo jornalístico têm provocado demissões, extinção de veículos (principalmente de impressos) e de funções, acirra-se a divisão de classes, a concorrência e os conflitos entre seus atores. A disputa caracteriza qualquer campo social, conceituado por Bourdieu (2006) em sua teoria dos campos sociais como um espaço social estruturado, um campo de forças entre dominantes e dominados, cujas relações constantes, de desigualdade, são exercidas no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças.

A fim de garantir o seu espaço nas disputas que se dão no campo jornalístico, muitos profissionais acabam cedendo às pressões de mercado e ampliam as suas competências. E certos órgãos, a exemplo do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Pará, reconheceram novas funções, como a do editor multimídia, que acumula as tarefas dos antigos editores de VT e de operadores de gravação, de VT e exibição. Essas funções,

antes segmentadas, tiveram as nomenclaturas extintas (até porque na era digital não se trabalha com VT) e agora são desempenhadas apenas pelo editor multimídia há cerca de dois anos. Ao reconhecer o acúmulo de função, estabeleceu-se um reajuste de 40% sobre o salário-base do editor - medida que evita contrariar o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Além disso, o termo multimídia está em sintonia com o ambiente convergente no qual se insere o jornalismo com seus múltiplos processos de hibridização e profissionais com perfil multifacetado. No caso da TV Folha, no que diz respeito a esse perfil, o diretor João Wainer (2012) acredita que, ao atuarem também como cinegrafistas, os fotógrafos estão preparando-se para as futuras configurações de mercado, garantindo o seu espaço.

Pra mim, está claro que o impresso, as revistas terão redução na circulação [...] Quando isso acontecer, o vídeo passa a ser tão importante para o jornal quanto a fotografia ou até mais importante que a fotografia. E é importante que essa mudança seja feita pelos fotógrafos, que eles abracem o vídeo, que não precise trazer alguém de fora com a linguagem do vídeo pra substituir o fotógrafo (WAINER, 2012, vídeo).

Essa antecipação aos novos tempos visa atípicas concorrências e conflitos da sociedade capitalista e, conseqüentemente, dos seus campos sociais. Formado no século XIX, o campo jornalístico seria, segundo Bourdieu (1997), um universo que está sob constante pressão do campo econômico e, portanto, o êxito comercial seria a consagração do produto, o seu reconhecimento e legitimação. Ao ser submetido à lógica capitalista, o jornalismo torna-se um campo de produção simbólica com pouca autonomia, principalmente devido às forças de opressão que circulam nele, como as influências econômicas e as censuras 'invisíveis' que ditam as regras do jogo. É preciso resistir às "forças de opressão que se abatem sobre o jornalismo - e que o jornalismo rebate sobre toda a produção cultural e, a partir daí, sobre toda a sociedade" (BOURDIEU, 1998, p. 109).

Na sociedade capitalista, os mais variados tipos de pressão (econômicas, financeiras, ideológicas, tecnológicas, éticas, morais...) levam muitos jornalistas a assumir posturas desprovidas de compromisso ético e baseadas no sensacionalismo. A busca por ampliar suas habilidades profissionais viria do receio de ser descartado por exercer apenas uma função que, porventura, venha a ser extinta devido ao avanço tecnológico? Apesar dos dilemas,

tem sido consenso no jornalismo a necessidade atual do jornalista precisar conhecer as peculiaridades de cada mídia devido à tendência de produção multiplataforma. Na TV Folha, segundo Wainer (2012), esse diferencial estaria no fato de ter profissionais do impresso fazendo vídeo.

Então o fotógrafo, quando vai filmar, tem um olhar diferente do cinegrafista. A gente entrevista o repórter de texto sobre a matéria que ele está fazendo, sem olhar pra câmera e o fotógrafo vai direcionando para tentar tirar dele a narrativa do vídeo. A gente não usa o off como no telejornalismo - claro que tem um off, mas um off que é extraído das entrevistas. Então, o fotógrafo acaba tendo uma responsabilidade muito maior nesse processo que é tirar do repórter os elementos necessários para contar a história (WAINER, 2012, vídeo).

A narrativa resultante dessas mudanças nos processos produtivos distingue-se do padrão convencional dos telejornais, constrói uma passagem de vídeo em forma de entrevista e aproxima-se do estilo *making-of* de documentários. O repórter conta o que viu, sentiu e percebeu sobre o fato em apuração, testemunhado e opinando, grava na rua, na redação ou no estúdio, sem maquiagem e sem precisar olhar para a câmera. Essa estratégia permite ao repórter sem experiência de vídeo (este por si só inibidor) gravar uma passagem mais natural, mediando e, assumidamente, quebrando o mito da imparcialidade jornalística. Além disso, serve de pré-roteiro, auxiliando na captação de imagens e montagem da matéria.

Esse modo de fazer imprime mais liberdade na construção da narrativa, principalmente para a internet, que permite maior tempo de duração. Quando era transmitido também pela televisão, a TV Folha chegou a ter uma mesma matéria com dois tempos distintos: “Às vezes, quando não tem espaço na grade, a gente coloca a matéria completa na internet. O que é uma pena, pois mais gente assiste a matéria na TV do que na internet.” (LAMBERT, 2013, *skype*). Ao migrar para a televisão, em 2012, o programa também sofreu outras mudanças:

Virou um sistema de produção mesmo: você tem produtor, as pessoas que captam, os editores e o diretor do programa. E só. Mas o problema é que o jornal não está acostumado a fazer essa aproximação, pois têm trabalhos individuais onde cada um resolve o seu e não tem essa cultura de entender o trabalho coletivo. Não é uma cobrança do jornal, mas de quem está dentro da TV folha e percebe isso (LAMBERT, 2013, *skype*).

DO PROFISSIONAL MULTIFACETADO À EXPLORAÇÃO PROFISSIONAL

Com poucos jornalistas, a equipe da TV Folha é formada por profissionais de audiovisual, cinema, midialogia, design. As reportagens podem ser feitas tanto por repórteres do impresso quanto por qualquer um de seus profissionais e possuem uma narrativa distinta dos padrões tradicionais dos telejornais, assemelhando-se muito mais a documentários. Esta semelhança também é percebida por outros pesquisadores:

As reportagens têm tratamento estético de minidocumentários. As matérias são editadas não apenas com imagens em movimento, mas também com imagens fotográficas. É comum a mistura de fotografia e vídeo na mesma reportagem. A ausência da narração em off, na maior parte das matérias, confere ao telespectador uma maior liberdade para interpretar o conteúdo da informação (ECHEVERRIA, 2012, p.8)

Segundo Wainer (*apud* Kachani, 2012), a ideia era criar um contraponto com o telejornalismo convencional, adotando-se pouca narração em *off* e uma nova linguagem. E o que seria esse produto? Para Wainer (2012, vídeo), seria “um projeto novo de produção de vídeo com formato e linguagem de documentário dentro do jornalismo diário”. Ou seja, um desafio vislumbrado a partir da convergência tecnológica, adotando-se câmeras que captam tanto imagens fixas quanto em movimento e permitem uma nova estética visual. Em função disso, a regra era o repórter não aparecer – acreditamos que até mesmo para facilitar a atuação de quem vem do impresso para a televisão. Porém, isso começou a mudar em menos de um ano de programa no ar, apontando outra tendência.

Vai ficar mais próximo do telejornal, porque é mais fácil. Acho que esse modelo (atual) não vai se sustentar muito tempo, a não ser que tenha um retorno financeiro muito grande, mas na TV Cultura é difícil - aí talvez parem de fazer TV. Não gosto quando certos repórteres aparecem, fica parecendo CQC, não é a nossa cara, é uma fuga (LAMBERT, 2013, *skype*)

Com o passar do tempo, fomos observando que algumas reportagens, realmente, aproximaram-se do modelo adotado pelos telejornais, até porque os repórteres do impresso que faziam a TV Folha estavam mais à vontade com o novo veículo e mais seguros para aparecer no vídeo. Quando, em abril de 2014, o programa voltou a ser exclusividade da internet, as reportagens valorizaram ainda mais a narrativa testemunhal a partir do depoimento das fontes, reaproximando-se do formato documentário.

A fim de observar como se desenvolveram os processos produtivos da TV Folha, analisamos a polivalência profissional da equipe e percebemos que há reportagens feitas predominantemente por repórter-fotográfico⁵, como também há outras co-assinadas por este profissional e por repórter do impresso. Percebemos, ainda, que um auxiliar (no caso, Rodrigo Machado) começou a fazer a captação de imagens ao lado de repórteres-fotográficos e, posteriormente, já estava assinando as matérias sozinho. Houve situação em que identificamos um profissional (Márcio Neves) acumulando fotografia e reportagem, como também identificamos imagens feitas pelo então secretário administrativo da TV Folha, Yago Metring, da área de Publicidade e Propaganda. Em entrevista à autora⁶, ele fala sobre os desafios encontrados nos processos produtivos do programa.

Tudo se torna um desafio, por ser uma empresa de jornal impresso, fazer um programa de televisão não é fácil. Todos da equipe eram repórteres, repórter- especial, fotógrafos... não tínhamos uma cabeça muito ligada ao mundo da televisão, praticamente nada de experiência televisiva, foi um grande desafio para todos - onde estamos conseguindo, junto com toda a equipe e todas as editorias do jornal e com o apoio da direção do jornal, desenvolver um ótimo serviço. Com pautas interessantes, divertidas, investigativas. Sempre foi o nosso foco, fazer um jornal diferente de todos (METRING, 2013, online).

Além de saber filmar e entrevistar, na TV Folha há situações em que o fotógrafo atua como editor de vídeo, requerendo-se a vertente funcional da polivalência profissional. “O que vai fazer a diferença é a capacidade do profissional de se adaptar e de aprender a operar o software, operar o [software de edição] *final cut*, o [Adobe] *premier...*” (WAINER, 2012, vídeo). Portanto, conclui ele, é necessário que o profissional tenha, pelo menos, quatro habilidades para trabalhar na TV Folha:

Quatro características que o cara tem que saber pra trabalhar na TV Folha: o cara tem que saber fotografar, filmar, editar, escrever. Não precisa saber tudo isso muito bem, tem uns que fazem melhor uma coisa, outros outra, mas tem que ter conhecimento desses quatro pilares da TV Folha. A gente brinca e diz que cada um tem um super poder. Temos bons editores que pegam esse material pré-cortado e dão o acabamento fino. (WAINER, 2012, vídeo)

A polivalência marca, ainda, o trabalho dos finalizadores Douglas Lambert e André Felipe, responsáveis pela padronização e fechamento do programa. Apesar disso, explica Lambert (2013), o

seu trabalho principal é a edição. Dentre as matérias analisadas, há as que ele assina edição, roteiro, arte ou produção. Eventualmente, faz fotografia, reportagem e direção⁷. Já André Felipe, além de finalizar, edita. Quanto à equipe de arte, observamos pelo menos um integrante assinando a edição das matérias analisadas, no caso Fábio Marram. Na equipe de edição, a maioria também é responsável pelo roteiro.

Quando o programa estava na televisão, a sua equipe também era formada por Melina Cardoso, que veio da extinta Rádio Folha e narrava o videográfico Folhacóptero; pelo editor e apresentador Fernando Canzian; e pelo diretor e fotógrafo João Wainer, que ainda se mantém na direção da TV Folha, cuja nova fase foi marcada pelo lançamento do filme “Junho – o mês que abalou o Brasil”, abordando as manifestações de 2013. O diretor conta que sempre quis fazer um longa dentro do jornal, por acreditar que havia potencial para isso: “fizemos e finalizamos o filme na redação da *Folha*. Aprendemos na raça” (WAINER *apud* OLIVEIRA, 2014).

Os colunistas do programa eram também do impresso, como Xico Sá (fazia crônicas audiovisuais) e Barbara Gancia (fazia enquetes). Ambos adotavam a descontração e a informalidade em suas abordagens. Outra colunista presente no programa era Mônica Bergamo, abordando política e participando de Debates, ao lado de mais colunistas e repórteres do jornal. Percebemos, ainda, a participação de outros colunistas do impresso participando da TV Folha, que viajaram na condição de enviado especial, como Ricardo Feltrin, do F5, site de entretenimento da Folha, para o qual escreve notas sobre televisão. Mesmo sem experiência televisiva, Feltrin dividiu uma reportagem com Douglas Lambert, no final de 2012, no México. Aliás, essa foi uma das poucas, segundo Lambert (2013), a ter um pré-roteiro – feito por ele durante a viagem de ida ao México.

Segundo Lambert (2013), a prática do pré-roteiro não é muito usual porque o programa não tinha uma equipe exclusiva de vídeo. Por isso, mesmo nas reportagens feitas por repórter do impresso, o roteiro era feito pela TV Folha. Assim, pode-se dizer que o programa resultou da hibridização de linguagens, formatos e processos produtivos, sendo fruto, portanto, da polivalência profissional e da cultura da convergência. Ressalte-se que o paradigma da convergência prevê a interação entre antigas e novas mídias, favorecendo a transmidialidade e exigindo mais conhecimento, habilidade e criatividade profissionais.

Diferentemente das mídias tradicionais, voltadas às demandas da era industrial, a inexorável migração para as plataformas digitais está promovendo transformações em função do estabelecimento da Comunicação em rede, cuja lógica de uma estrutura mais horizontalizada, própria das interconexões, altera profundamente as relações entre sujeitos nos diversos níveis e fluxos de Comunicação (MÉDOLA, 2012, p. 191).

Diante das inúmeras possibilidades oferecidas pela internet e em meio às incertezas acerca do futuro da televisão, Arlindo Machado (2011, p. 88) diz ser esse um momento de desafios, experimentações e riscos: “Tudo indica que estamos vivendo o fim de um modelo de televisão e o surgimento de experiências ainda não muito nítidas, mas suficientemente expressivas para demandar pesquisa e análise”. Enquanto elemento constitutivo da contemporaneidade, a televisão serve para “unir indivíduos e públicos que de um outro ponto de vista tudo separa e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva (WOLTON, 2012, p. 68), construindo novas relações.

Além da participação ativa do público aqui já comentada, as novas relações com a audiência mudaram o modelo da indústria televisiva. Agora, não é preciso mais marcar hora para ver televisão. Através da internet, o público pode optar pelo horário que lhe convém – sem a preocupação de gravar seus programas favoritos. Por isso, desde 2007, as redes norte-americanas “estavam baseando as suas decisões de programação num modelo híbrido, que combinavam dados sobre os que assistiam ao programa durante a transmissão com os que assistiam depois” (JENKINS, 2009, p. 167). Eis mais um grande desafio, seja para quem produz conteúdo ou para quem mede a audiência.

A partir das possibilidades de interação, Jenkins (2009) explica como as diferentes franquias transmídia contam histórias com o uso de distintas plataformas e com a participação ativa do público em diversas etapas do processo, cuja circulação de conteúdo em mídias distintas depende justamente do consumidor. No caso da TV Folha, o usuário pode interagir através de várias ações a partir de seu site⁸, como: “acompanhá-lo pelas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, recomendar, comentar e compartilhar os links das matérias e/ou enviá-los por e-mail, aumentar ou reduzir o tamanho da fonte do texto, comunicar erros, copiar o link e imprimir o texto” (MARTINS, 2012, p.104).

Ao envolver diversas plataformas em sua produção, o programa expõe parte de sua transmidialidade. Quando era

transmitido também pela televisão, de março de 2012 a abril de 2014, suas matérias eram apuradas e gravadas, quase sempre, pela equipe do jornal, mas roteirizadas por profissionais de cada plataforma. O programa estruturava-se em blocos, com apresentadores, cabeças e vinhetas, as quais mesclavam estilos da publicidade e do cinema. Sua identidade visual remetia à do jornal FSP e as matérias adotavam uma linguagem mais informal, voltada para a internet. E na internet, exibiam-se matérias com versões de maior tempo e informações adicionais. Ou seja, esse modo de fazer possibilitava abordagens distintas para uma mesma história, com entrevistados diferentes ou pelo menos com trechos de entrevistas diferentes no caso de um mesmo personagem, construindo narrativas multiplataformas e complementares, mas independentes entre si.

Hoje, mesmo não estando mais na TV, o programa mantém a sua transmidialidade, tanto na produção multiplataforma, envolvendo o audiovisual, o impresso e a internet, quanto no incentivo à participação do público através da internet, onde exhibe seus conteúdos em redes sociais e sites do grupo Folha.

Assim, analisando-se a TV Folha, percebe-se que muitos desafios emergem face às convergências, mas vão além da produção de conteúdo para multiplataformas e da hibridização de linguagens: estão nas relações dos jornalistas, sobretudo com o público; na sua formação técnica e valores éticos; na estrutura das empresas e nas suas formas de produção-distribuição e de gerir pessoas; e nos processos sócio-comunicacionais, especialmente nos processos de produção. Como bem ressalta Duarte (2012), o fato dos textos, hoje, terem a pretensão de ser exibidos em multiplataformas revela as restrições (e desafios) resultantes das transformações atualmente em curso – e, certamente, interferem na identidade e no fazer jornalísticos, apontando o cenário transmidiático como uma nova era da indústria cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o cenário transmidiático pode ser considerado como a expressão de uma nova era da indústria cultural, que amplia o seu nicho de mercado através da convergência midiática, o mesmo atrai novos e potenciais consumidores através de diferentes mídias. Isso reforça a importância da reflexão sobre os impactos dos processos

de hibridização no jornalismo e os conflitos de identidade nesse campo. As dimensões da convergência levam muitos jornalistas a acumular atividades antes segmentadas e esse acúmulo ocorre devido à simplificação pela qual vem passando a operacionalização dos softwares ou à popularização de equipamentos, agora mais acessíveis técnico-economicamente. Por outro lado, pode representar uma estratégia das empresas para reduzir seus custos e aumentar seus lucros, como também do mercado de trabalho, cada vez mais aviltante.

Além de tentar manter a sua vaga, os profissionais submetem-se às novas exigências para acompanhar a geração atual? E quanto ao código de ética, que só aceita o acúmulo em casos de exceção? Essas são perguntas difíceis de responder, mas essa análise nos levou a constatar que, na TV Folha, o acúmulo de trabalho é viabilizado pelo próprio perfil da equipe: jovem e polivalente, com profissionais de áreas distintas, aptos a desempenhar várias funções concomitantemente – um reflexo da nossa sociedade contemporânea (que alimenta a bipolaridade fragmentação-integração) e capitalista (cuja lógica é a de mercado). Ademais, esse perfil também é um reflexo da contemporaneidade, cujos equipamentos tecnológicos possibilitam multitarefas.

Tais transformações interferem diretamente nas relações do campo jornalístico, especialmente em seus processos produtivos. E diante desses novos cenários, como já dissemos, alargam-se as possibilidades do jornalismo apropriar-se da narrativa transmídia, provocando um processo de múltiplas convergências: das mídias, das linguagens, dos formatos e das habilidades de seus profissionais, alterando-se suas relações, práticas e rotinas. Compreender as mudanças na práxis jornalística é um caminho para melhor entender as apropriações e construções de novas narrativas.

Ademais, percebe-se que, na contemporaneidade, os campos também convergem. Nesta análise, constatamos que, na TV Folha, é explícita a intenção de tornar presentes os elementos do cinema, da publicidade e do jornalismo, seja na linha documental, publicitária e, antes, de telerrevista, hibridizando a sua linguagem. E será que esse hibridismo foi favorecido por que as reportagens, quase sempre, eram feitas por repórteres do impresso quando desconheciam a dinâmica do audiovisual? Ou será por que a captação de imagens é feita por repórter-fotográfico ou mesmo videorepórter? Ou por que se usa equipamentos que permitem filmar e fotografar? Ou será, ainda, que ocorre por que o editor tem autonomia para fazer o

roteiro? A questão estaria na edição ou na captação? Estaria nascendo uma nova linguagem no telejornalismo brasileiro?

Independentemente das respostas, não há dúvidas de que todas essas questões contribuem para a construção de uma nova linguagem, capaz de abrigar olhares e interesses, convergentes ou conflitantes, dos atores sociais do campo jornalístico; uma linguagem que pode ser resultante de uma crise de identidade nesse campo, baseada na bipolaridade integração-fragmentação - e que se apropria de elementos e narrativas de outros campos, reafirmando a polivalência que hoje predomina no jornalismo da era digital.

Após estudos feitos anteriormente (MARTINS, 2012), passamos a compreender a TV Folha como um exemplo de apropriação da narrativa transmídia pelo jornalismo, a qual se constitui, segundo Jenkins (2009) quando uma narrativa passa de uma mídia para outra, sendo construída de forma autônoma e permitindo que o público compreenda-a, independentemente da mídia escolhida por ele para ter acesso ao conteúdo. Essa percepção é reforçada pelas reportagens da TV Folha, que geralmente resultam de pautas do impresso, mas apresentam textos e, às vezes, até personagens diferentes da FSP, sendo feitas por uma equipe profissional polivalente nas três dimensões apontadas por Salaverría (2010), ou seja, funcional, temática e midiática.

Como vimos, o acúmulo de função atinge a rotina de toda a equipe: o repórter do impresso trabalha também para a internet; os repórteres-fotográficos fotografam, filmam e fazem entrevistas e direção; o editor também capta imagens, faz entrevistas e roteiros; a equipe de arte edita e roteiriza, assim como os finalizadores, que também fazem captação e direção. E quando o programa era transmitido pela televisão, o repórter do impresso também apurava para a TV Folha, o apresentador editava e conduzia debates e os colunistas faziam matérias e participavam de debates ao lado de repórteres da Folha, reforçando a auto-referencialidade desse grupo de comunicação.

Por mais que a situação do fazer não-segmentado em uma redação integrada constitua-se uma nova tendência, incentivando o desempenho de várias funções por um único profissional ao mesmo tempo, as dificuldades e lacunas reveladas por esse *modus operandis* têm trazido significativas transformações ao campo jornalístico. Dentre as quais, podemos citar impactos na identidade dos profissionais de jornalismo, no estatuto da profissão e na construção de novas narrativas, que em o diálogo com uma *práxis* inserida na cultura da convergência desenvolvem novas formas de narrar a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad.: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Contrafogos** – táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Trad.: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O poder simbólico**. Trad.: Fernando Tomaz. 9a ed. Rio de Janeiro: B. Brasil, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. TELEVISÃO: novas modalidades de contar as narrativas. **Revista Contemporânea**, Salvador, UFBA/Poscom, v.10, n.2, p.324-39, mai-ago, 2012.

ECHEVERRIA, Renata. Considerações sobre o “TV Folha”: um telejornal da Idade Mídia. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012, P. 1-12. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0957-1.pdf>. Acesso em: 03 set. 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad.: Susana Alexandria. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KACHANI, Morris. Folha na TV. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 mar. 2012. Ilustrada, E1.

LAMBERT, Douglas. Em entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2013, via *skype*.

MACHADO, Arlindo. Fim da Televisão? **Revista Famecos**, Porto Alegre, PUC, v. 11, n.1, p. 86-97, jan-abr, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8799/6163>

MARTINS, Elaide. **Telejornalismo na era digital**: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, SBPJor, v. 8, n. 2, p. 97-117, 2012.

MÉDOLA, Ana Sílvia L. D. Produção e estética dos conteúdos televisivos em ambiente de convergência: o caso da TV Unesp. **RBCC/Intercom**, São Paulo, v.35, n.2, p. 189-204, jul./dez., 2012.

METRING, Yago. Em entrevista à autora através do *Facebook* em 5 de abril de 2013.

OLIVEIRA, Jéssica. “Fizemos o filme na redação da Folha. Aprendemos na raça”, diz diretor de “Junho”. **Portal da Imprensa**. São Paulo. 06 Jun. 2014. Disponível em: [mhttp://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/66204/fizemos+o+filme+na+redacao+da+folha+aprendemos+na+](http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/66204/fizemos+o+filme+na+redacao+da+folha+aprendemos+na+)

raca+diz+diretor+de+junho. Acesso em: 14 ago 2014.

PEREIRA JR, Alfredo Vizeu. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SALAVERRÍA, Ramón. Estructura de la Convergencia. In: **Convergencia Digital**: Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010, pp. 27-40

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

TV FOLHA vai concentrar vídeos na web. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 abril 2014. Caderno Poder, A-14.

WAINER, João. Em entrevista aos organizadores do evento Mês da Fotografia em 14.08.2012. Brasília-DF: Sesc, 2012. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Q9CSa_qV5kg Acesso em: 28 fev. 2013.

WOLF, Mauro. **As teorias da comunicação**. 5ª Ed. Lisboa: Presença, 1999.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Trad. Isabel Crossetti. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NOTAS

- 1 Prêmio Esso, Melhor contribuição ao Telejornalismo; Prêmio Aberje, Destaque no meio televisão; e Prêmio Folha de Jornalismo, Categoria Especial pela cobertura dos protestos no Brasil em 2013.
- 2 Esse tipo de câmera fotográfica incorpora o conceito de convergência tecnológica defendido por Jenkins (2009), prevendo a combinação de funções em um único aparelho. Tal modelo tem sido muito usado para capturar imagens em movimento devido ao seu alto desempenho e qualidade de imagem. Apesar da câmera Nikon D90 ter sido a primeira DSLR a capturar vídeo, a Canon 5D Mark representa um marco porque é considerada a primeira a ter qualidade de cinema digital a um preço acessível. Mantém alta performance mesmo com pouca luz, preservando detalhes mesmo em áreas de sombras escuras e destaques claros. Outra vantagem são suas lentes intercambiáveis, que permitem usar lentes específicas para cada situação.
- 3 Em entrevista realizada pela organização do evento 'Mês da Fotografia', promovido pelo SESC/DF em Brasília, de 31.07 a 30.08.2012 (www.mesdafotografia.blogspot.com), onde João Wainer ministrou a

palestra “Foto-Vídeo e criação de uma nova linguagem: A experiência da TV Folha” em 08.08.2012.

- 4 Em entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2013, às 10h, via *skype*. Para visualizar especificamente os trabalhos de Lambert, visitar: <http://www.douglaslambert.com.br>
- 5 Um exemplo é a matéria do repórter cinematográfico Fabio Braga, exibida em 17/03/2013. A fim de “vivenciar as relações entre motoristas e ciclistas”, ele pedalou 47,5 km pelas ruas de São Paulo, usando microcâmeras na bicicleta e em seu capacete para captar imagens de si mesmo e do trânsito. As entrevistas que fez com motoristas, um consultor de mobilidade urbana e um empresário do ramo de entregas por *bikeboys* foram gravadas pelo colega Felix Lima, que também fez cenas mais abertas de trânsito.
- 6 Em resposta às perguntas enviadas pela autora através do *Facebook* em 5 de abril de 2013.
- 7 Para visualizar especificamente os trabalhos de Lambert, visitar: <http://www.douglaslambert.com.br>
- 8 Endereço do site: www1.folha.uol.com.br/tv

Elaide Martins é doutora em Ciências (Desenvolvimento Socioambiental) pela Universidade Federal do Pará, mestre em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo e membro da Facom e do PPGCom da UFPA. Coordena o GP Interações e Tecnologias na Amazônia e integra a Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JORTEC). E-mail: elaidemartins@gmail.com

RECEBIDO EM: 28/02/2015 | ACEITO EM: 26/08/2015